

A Representatividade Feminina na Série *Orange Is The New Black*¹

Camilla Pessoa Barros Bibiano²
Prof. Dr. Ronaldo Bispo dos Santos³
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Pensando em como a imagem da mulher é trabalhada na comunicação audiovisual, integradas ao papel influente que as grandes séries de TV exercem sobre a sociedade atual, é importante uma análise sobre a representatividade feminina dentro da mídia. De forma clara e precisa, é necessária uma argumentação acerca de como queremos que as mulheres sejam retratadas, apontando erros e acertos nas produções. Neste artigo em específico trataremos sobre a série americana *Orange Is The New Black*, sucesso de audiência e famosa por quebrar padrões instaurados para protagonistas femininas. A análise completa, passando por cada uma das temporadas da série, traz, além do protagonismo da mulher e sua imagem, temas pouco discutidos ou que não possuem tanta repercussão midiática.

PALAVRAS-CHAVE: representatividade feminina, orange is the new black, séries de tv

INTRODUÇÃO

Orange Is The New Black é uma série original da Netflix baseada em um livro de memórias de Piper Kerman sobre suas experiências em uma prisão federal. A série se passa em Litchfield, uma prisão federal feminina de segurança mínima localizada no Estado de Nova York, com a história se desenvolvendo ao redor da personagem principal Piper Chapman que é condenada a cumprir 15 meses de prisão por ter transportado uma mala de dinheiro relacionada a tráfico de drogas. A partir daí somos introduzidos no universo da penitenciária feminina e nas histórias das detentas que ali vivem.

Além de tratar de um tema feminino com mulheres protagonistas, a série vem para ressignificar o olhar para as mulheres detentas, que muitas vezes são

¹ Trabalho apresentado na IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da UFAL, e-mail: camilla.bibiano@ichca.ufal.br.

³ Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Ufal.

marginalizadas ou comparadas à mesma situação vivida por homens. É hegemonicamente percebido que ao se tratar de crimes e pesos à essas práticas, o olhar voltado para o masculino é constante e o mais comum. Mas Orange traz o olhar delicado das especificidades da mulher detenta, além de como essa realidade afeta suas personalidades e inclinações mentais.

A série vem para retratar de fato um ambiente de uma prisão federal nos Estados Unidos. Visualmente o ambiente não deixa nada a desejar com banheiros sujos e quebrados, paredes precisando de cuidados e a prisão inteira precisando de reparos (o que é tocado várias vezes durante as temporadas na história). A linguagem muito peculiar que não se envergonha pelas palavras de baixo calão recheados de muitos xingamentos retratam também um pouco do que aquelas mulheres são, do ambiente em que vivem e no que são condicionadas a se tratarem.

A trilha sonora não é muito recorrente. Além da forte abertura da série trazendo rostos de mulheres bem diferentes umas das outras com *You've Got Time* ao fundo e uma letra retratando tudo o que aquelas mulheres vivem dentro de presídios, poucas vezes outras músicas aparecem tendo um essencial significado, mas sempre casando com as cenas apresentadas no episódio como forma de complemento.

ENREDOS DAS TEMPORADAS

Atualmente em sua 6ª temporada, com a 7ª já em processo de gravação, a série começa em sua primeira temporada como quem não quer contar nada, explorando o universo da vida das mulheres da prisão, como foram parar lá, quem são. É necessário introduzir para começarmos a criar simpatia ou antipatia pelas personagens através de flashbacks. Muito pouco além disso e de seus relacionamentos, nesse ponto tocando-se muito no homossexualismo feminino, é travado pelo enredo, apesar das muitas histórias dramáticas e pesadas que algumas trazem consigo. O foco da primeira temporada assim fica presente na protagonista e seu pequeno grupo de mulheres.

Um ponto que cresce a favor da série é o protagonismo puro e simples das mulheres, diferentes de outros em dois pontos: em nenhum momento um personagem masculino é essencial para que os eventos do enredo aconteçam; o protagonismo não fica somente dentro das telas, mas também em todo os bastidores passando por roteiro e direção. Protagonismo feito por mulheres diferentes uma das outras, brancas, latinas, negras, trans. Mulheres com corpos reais e plurais, com belezas comuns, sem roupas

bonitas, sem maquiagem, mulheres numa realidade bem crua e que nos lembra o tempo inteiro exatamente o lugar em que estão. A segunda temporada abre assim um maior espaço para outras mulheres da penitenciária brilharem.

No presídio feminino de Orange is the new black, as problemáticas sociais, culturais, raciais e de gênero se desenvolvem, então, em torno destas novas protagonistas: reais, acessíveis, imperfeitas, contraditórias, próximas do espectador. Novos caminhos são traçados, o feminino ganha força e o masculino não se perde em suas tradicionais determinações de autoridade. Outras configurações de gênero se apresentam e apontam para uma diluição das fronteiras dicotômicas que aprisionam subjetividades em padrões de comportamento pré-determinados. (MONTORO E DALA SENTA, 2015, p. 4)

Assim, a série conseguiu propagar uma representatividade feminina que não entrava no círculo midiático de produções de séries normalmente, e nem conquistava um público considerável.

A partir da terceira temporada começamos a maior crítica social da série com a privatização da penitenciária após o governo declarar o fechamento da prisão. Foi a forma que o diretor de Litchfield encontrou de manter seu emprego e a prisão a funcionar, porém os métodos para que ela continuasse na ativa trouxe inúmeros desconfortos a população feminina da cadeia. A primeira mudança consubstancial é na comida que se transforma em uma pasta para que se reduzam centavos de gastos com as detentas e dessa forma se transforme em lucros para a empresa que a privatizou.

Coisas de necessidades básicas de dignidade como comida são retiradas das mulheres por conta da ganância das empresas privadas. Fica claro nesse contexto o quanto muitas vezes detentos não são tratados como pessoas só porque cometeram crimes e erros no passado, devem pagar sim, mas direitos básicos devem ser preservados. Estamos falando de humanos, gente como a gente.

Nessa temporada a série ganha novos panos para serem explorados. Ainda se tratando da privatização, cortes de benefícios dos guardas se transformam numa mudança no quadro que traz guardas despreparados e sem treinamento para lidar com as prisioneiras e com isso temos uma introdução de um estupro de uma das detentas através da relação dela com um dos guardas. Ainda sobra espaço para o drama da trans Sophia que sofre de preconceito e vê seu caminho sendo traçado á solitária por motivos banais, e a introdução de religiões e ceitas que induzem ao fanatismo.

Subjugadas e desafiadas pelas estruturas de poder autoritário, as protagonistas de *Orange is the new black* buscam alternativas para lidar com a opressão que sofrem não só como mulheres, mas também como mulheres negras, idosas, lésbicas e transsexuais. Evidenciam-se, assim, maneiras plurais de enfrentamento feminino que vão desde o isolamento, a loucura, o apego religioso e o sexo, à formação de guetos raciais, étnicos e etários. (MONTORO E DALA SENTA, 2015, p. 8)

É na quarta temporada que é ressaltado os problemas vividos pelas detentas desde a privatização. É chegado assim novas prisioneiras e a partir disso os “quartos” que abrigavam duas começaram a ter quatro pessoas. Superlotação, falta de comida para todas, trabalhos forçados e filas no banheiro impossibilitam as necessidades básicas humanas como tomar banho. Realidade essa que se contrasta com a de Judy King, uma condenada famosa que vive de regalias dentro da prisão.

São introduzidos a partir daí novos guardas veteranos de guerra, guardas esses sem a menor empatia que faz com que as mulheres se sintam acuadas por fazerem absolutamente nada. Eles também têm um importante papel na guerra étnica, após um embate entre brancas e latinas, as revistas das estrangeiras se tornam mais abusivas e gritantes.

Orange is the new black, apesar de possuir um discurso a favor do feminismo e de ser escrita por uma mulher, o que dá uma maior carga simbólica para a validação do discurso feminista que é empregado, ainda está submersa num sistema social patriarcal, por nele ser produzida [...] *Orange* se mune desses valores para reproduzi-los e desconstruí-los ao desenhar os tipos femininos que serão trabalhados ao longo deste tópico. (VAZ E TEIXEIRA, 2015, p. 7-8)

Seu desfecho então é trágico e introduz a quinta temporada da série. Uma cena de protesto por tudo que elas estão passando na mão daquelas pessoas termina em morte, e de uma das personagens mais queridas nas mãos de um guarda que não conseguimos inteiramente odiar. A morte vai além do contexto existente de abusos cometidos pelos guardas dentro da prisão, mas chega ao tocante do movimento “Black Lives Matter” (vidas negras importam) por se tratar da morte de uma personagem negra. A partir disso a rebelião Litchfield começa e parte de ações de pessoas que irão sofrer nela.

A quinta temporada, assim, se passa inteiramente dentro da rebelião, são 13 episódios que contam como as prisioneiras se vingaram dos guardas, os utilizaram de refém para conseguir negociar para que houvesse melhoras na qualidade de vida delas e

uma vingança pelo acobertamento do diretor da penitenciária ao guarda-garoto que matou uma das detentas por acidente.

É explícito todo o descontentamento das detentas através de tudo o que elas fazem os guardas passarem durante os 3 dias de rebelião. Um deles inclusive vem a óbito por conta dele mesmo: a rebelião começa quando uma das prisioneiras se apropria da arma que ele levou para dentro da prisão e dá um tiro nele. Sem atendimento médico descente, igual ao que todas as detentas têm lá dentro, ele sofre de um derrame e morre sem nenhuma delas ter um pingão de pena e compaixão, sendo descoberta sua morte somente quando as tropas invadem a penitenciária dias depois. Piscatella é outro guarda que simboliza toda a autoridade e abuso que os policiais têm sobre as mulheres (que representam a minoria, os negros, os pobres da vida real) e foi morto pela mesma brutalidade policial ao qual ele tratava as detentas.

Historicamente e culturalmente, a construção dos gêneros permitiu que qualidades como amorosidade e sensibilidade (marcadas como femininas) fossem tidas como fraquezas, para que então qualidades marcadas como masculinas (agressividade, objetividade) se tornassem sinônimo de força. Daí a história humana de dominação pela violência e pela autoridade, história que se inicia a partir da diferença sexual e aplica-se a campos mais amplos. Aprende-se que aqueles que assumem características masculinas possuem um maior controle sobre si e sobre os outros. São seres que caminham para o “progresso”, que são firmes e não se deixam desvirtuar pelos afetos, que valorizam a visão analítica, especializada e limitada, em detrimento à orgânica, reflexiva e sensível, que vê o todo. (MONTORO E DALA SENTA, 2015, p. 5)

A temporada tem seu desfecho sem a rebelião ter a resolução esperada para as mulheres da prisão, com todas elas sendo transferidas e separadas, guardas de operações especiais entrando sem o menor cuidado, empurrando e puxando as mulheres, as tratando como nada, e um grupo que estava se escondendo dando as mãos e esperando pelo fim.

A sexta temporada logo vira um prenúncio do fim. Após todas elas serem separadas com o fim da rebelião, a transferência para a penitenciária máxima é o único caminho que resta. Lá a competitividade feminina é tão grande que passamos todos os episódios observando como as mulheres se colocam umas contra as outras. Histórias do passado são destrinchadas durante a temporada, mas a guerra “patriarcal” por poder dentro da prisão é o grande destaque.

REALIDADES DIFERENTES

A narrativa mais importante a ser construída na série é a da diversidade. E não falamos só da diversidade de gênero e raça, mas principalmente a financeira. A personagem principal da série é uma mulher branca, loira e de classe média para alta. Ela possui meios para se manter ali dentro, diferente da maioria das outras detentas que acabam no crime por falta de opção de fuga dessa realidade.

É fácil entender assim o porquê de certas ações dentro da série, de como as personagens brigam por doces ou por chinelas de banho. Para conquistar certos benefícios elas precisam trabalhar duro, por centavos. Piper recebe dinheiro na conta da lojinha, tem uma família que luta por ela e uma pena pequena a pagar. Ela tem carta branca para sair da prisão, enquanto muitas estão ali dentro porque não tem para onde ir.

Sim, não ter casa ou família para acolher. A personagem que mais se contrapõe à Piper é Taystee, uma mulher negra, pobre e gorda. O motivo da prisão acaba sendo bem parecido ao de Piper, quando elas deixaram, de alguma forma, o tráfico usar suas inteligências. Taystee consegue sair da prisão em determinado momento, mas volta porque não tem para onde ir, nem como se manter. É de difícil compreensão quando avaliamos que ela voltou para aquele ambiente porque quis, mas ao analisarmos melhor, ela nunca teve outra opção.

Diferente de Piper, que ao fim da sexta temporada também consegue cumprir a pena e sai do presídio. De carro. Com o irmão indo buscá-la. Enquanto ela embarca rumo à liberdade, Taystee encara um julgamento de prisão perpétua pela rebelião. Rebelião essa que todo mundo participou, incluindo Piper. Pondo em vista essas duas realidades é bem fácil notificar o racismo estrutural presente na série. Racismo esse que é visto e presenciado nos presídios reais mundo a fora. Infelizmente ainda é uma utopia achar que todos vão ter uma vida após a prisão, com oportunidades para se fazer melhor que no tempo privado de liberdade.

Piper sempre foi um peixe fora d'água na prisão. Ela pode tentar se enturmar, bancar a durona ou a chefe de gangue, mas sempre foi um ponto fora da realidade daquelas mulheres. E sempre foi odiada por isso. Em um dos melhores diálogos entre as duas, a loira pergunta “Porque as pessoas me odeiam tanto?”, quando Taystee não hesita e responde na lata “Porque você representa todos os privilégios que elas nunca tiveram e provavelmente nunca terão. Se quiser trocar de lugar comigo, tudo bem, eu não vou achar ruim”.

E é nesse fim que a série se encaminha. Piper acaba tendo sua pena reduzida e fica bem claro que é pelo privilégio de ser quem é. Porque se fosse qualquer outra detenta fazendo o que ela fez, mesmo sem intenção de ser solta antes da pena, seria vista com outros olhos e provavelmente ficaria mais tempo na prisão. Enquanto isso, Taystee mesmo com todo o apoio do movimento negro foi considerada culpada.

A MULHER E O MACHISMO

Apesar de um forte elenco feminino, a série não consegue fugir completamente de casos de machismo vindo da parte masculina da produção. Se o objetivo é representar a realidade, não dá para negar que casos como esses ocorram.

Dentro da prisão o abuso dos policiais é constante. A patente é desculpa para exercer força bruta contra mulheres que não apresentam “perigo real”. Não atoa elas se voltam contra os guardas na rebelião e os fazem pagar por cada humilhação. Os estupros, as surras e a violência psicológica é algo que já faz parte da rotina daquelas mulheres, que nem notam quando são abusadas e violentadas.

No entanto, isso não é uma característica somente de mulheres que estão presas. O audiovisual tem como objetivo retratar realmente casos que ocorrem todos os dias. Abrir os olhos mesmo para esse tipo de ocorrência que passa despercebido pelo olhar da sociedade, onde ninguém luta pelos corpos invadidos que colecionamos todos os dias.

Em um ambiente como esse, quando o homem é visto como dominante, a violência contra a mulher é algo comum. Normalmente o agressor é próximo à vítima, conhece seu modo de agir, pensar e encontra modos de encurrala-la. É interessante nesse ponto como a série traz as reações das mulheres após o trauma.

A personagem Pensatucky sofre de um abuso sexual do guarda com quem ela estava namorando. Ora, ela não se questionou sobre o fato porque eles tinham uma relação, ela dava liberdade para ele. Demorou até que a personagem percebesse que tinha sido violada, que o caso não havia sido consensual e que ele estava errado. Contudo, por muitos episódios ela se isolou e se sentia mal pelo ocorrido.

A volta por cima de Pensatucky se revela necessária para outras mulheres entenderem o que ocorre com seus corpos e em suas relações. Se não foi permitido houve sim abuso e é necessário muito autoconhecimento e sanidade mental para reverter a situação ao qual ela foi exposta e submetida. Esse é o papel principal de produções seriadas como essa, trazer representatividade para públicos e nichos específicos. Não

atoa a série trabalha com o feminino dentro e fora das telas, com pautas voltadas ao bem estar e cultivo da vida humana da mulher, com todas as nuances e necessidades mais básicas.

O MERCADO AUDIOVISUAL

Os nichos de mercado precisam cada vez mais se verem representados nesses formatos, para além das imagens tradicionais. A plataforma web permite ainda mais essas tentativas de inovações por terem mais mobilidade do conteúdo produzido e não necessitar agradar um público publicitário cheio de exigências. Essa liberdade de produção é uma abertura para criação de conteúdos originais que atendam as novas demandas sociais.

Surgem, assim, dentro do formato televisivo, possibilidades de expressões narrativas diferenciadas, entre elas a de um universo outsider formado a partir da afirmação de minorias representativas. Essas minorias passam a estimular a produção e circulação de conteúdos adaptados a outras realidades sociais, realidades estas que despontam e adquirem força. (MONTORO E DALA SENTA, 2015, p. 2)

OINTB vem transformando a maneira de contar histórias e quebrando padrões, começando pelo fato de toda a história abordada na série ser inspirada em acontecimentos reais, ter vindo de uma adaptação de um livro, estar alocada em um canal de streaming fugindo um pouco das plataformas de TVs convencionais que dialoga muito mais com o público jovem de internet e mídias digitais, aproveitando muito bem sua divulgação nessas plataformas e viralizando, o que justifica muito do sucesso conquistado.

Seguindo um padrão conquistado pela série OZ que mostra a rotina de uma prisão de segurança máxima, Orange Is The New Black vem com mesma proposta com o detalhe de que é uma prisão feminina e conta todos os dilemas que as mulheres sofrem em um presídio feminino do sistema carcerário norte-americano, que lembra outra produção chamada de Bad Girls, série britânica que também conta o dia a dia de uma prisão feminina.

A série da Netflix, porém deve ter sido a produção que conquistou mais audiência e relevância para esse tema tão importante, onde dentro de uma ficção podemos ver situações reais enfrentadas por mulheres e homens encarcerados todos os

dias, talvez de uma forma muito pior do que a que vemos nas séries e filmes. Como chamou a atenção a professora mestra em ciências jurídicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Raquel de Naday Di Creddo “deve-se ter em mente que o contato da população com temas dessa natureza por meio da televisão e do cinema, os torna mais palpáveis, fomentando nos espectadores sentimentos de amor, ódio, revolta, insatisfação com situações da vida real, que ultrapassam a ficção nas telas”, por isso tão grande apelo e sucesso que essas produções audiovisuais conquistam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos que a sororidade é tão buscada, e clamada, o retrato fiel de como as mulheres se enxergam dentro dos seus círculos de convivência é brutal. Lá existem desculpas para esse tipo de comportamento, afinal estão presas, mas dentro de nossas relações interpessoais somos condicionadas a duvidar de nossas próprias amigas e favorecer a figura do homem viril (ou da mulher com características viris). Não atoa a temporada possui uma personagem lésbica que tem todos os trejeitos masculinos.

Dessa forma, o objetivo da obra é representar uma população menos favorecida, apresentando temas que lidam com preconceito racial, intolerância religiosa, machismo, representatividade da mulher, assédio sexual, sanidade mental e as diferenças socioeconômicas existentes entre as classes. A sensação é que a série é um retrato da realidade da sociedade em que vivemos. Entender todas essas nuances que o audiovisual nos oferece é uma tarefa exaustiva. A autora mostra em muitas cenas que nem sempre as coisas na vida estão bem claras, nem sempre o errado é totalmente errado e o certo totalmente certo, nada é tão assim preto ou branco.

Sendo Orange baseada numa história verídica, podemos deduzir que o seriado propõe um discurso de verdade norteado pelos signos contidos no programa que fazem referência, em maior ou menor medida, a objetos da realidade. [...] Além disso, corrupção, condições desumanas na penitenciária e violência simbólica e física são outros signos que aproximam Orange da realidade. (VAZ E TEIXEIRA, 2015, p. 6)

Orange Is The New Black é recheado de uma trama mais complexa, digressões temporais e personagens contraditórios. Ela se aproxima para tratar uma crítica social com personagens mais humanos e realistas.

REFERÊNCIAS

MONTORO, Tania Siqueira e DALA SENTA, Clarissa Raquel Motter. **Orange é o novo gênero: ressignificações e transsignificações do feminino/masculino em formato televisivo para plataforma web**, Cultura midiática, Paraíba, Ano VIII, n. 15, - jul-dez, 2015, <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/cm>. Data de acesso: 01/11/17.

VAZ, Lucas e TEIXEIRA, Cristina. **“Orange is the new black”**: um novo passo para a representação feminina na produção midiática, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Natal-RN, 2 a 4 de julho, 2015, <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1453-1.pdf>. Data de acesso: 01/11/17

LEAL, Wellthon; TRAVASSOS, Igor e BELTRÃO, Matheus. **O protagonismo da mulher em Orange Is the New Black**, 18º Redor, Recife – PE, 24 a 27 de novembro, 2014, <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2078/834>. Data de acesso: 01/11/17.

RIGONI, Priscila. **Representação da mulher na série Orange Is The New Black: Estudo sobre a violência**. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda), Centro Universitário Univates, Rio Grande do Sul, 2017.